

ANTÓNIO DA COSTA LOPES

DOUTOR EM FILOSOFIA
PROFESSOR

A linguagem doutrinal
e a história das ideias,
segundo S. Tomás de Aquino



Tomás de Aquino, s
OP-

BRAGA
1 9 6 7

ANTÓNIO DA COSTA LOPES

DOUTOR EM FILOSOFIA
PROFESSOR

A linguagem doutrinal
e a história das ideias,
segundo S. Tomás de Aquino



Perm.

Barcelone

BRAGA

1 9 6 7

Do mesmo autor :

Gomes Pereira. Estudo bio-bibliográfico. Barcelos, 1950.

Pequena história dum grande seminário. Braga, 1950. Esgotado.

Gil Vicente e o papa. Braga, 1965 (2.^a edição).

Realismo do senso comum e realismo da ciência na filosofia de Meyerson.
Braga, 1959.

Martim de Ginzo, jogral português. Braga, 1963 (2.^a edição).

Meyerson e a teoria do conhecimento. Braga, 1961.

O pessimismo filosófico de António Feijó. Braga, 1962.

A naturalidade portuguesa do jogral Martim de Ginzo. Anotações críticas.
Braga, 1964.

Existencialismo e literatura. Braga, 1965.

Os dominicanos e a filosofia. Braga, 1966.

85285

O presente trabalho é o texto de uma conferência proferida no Seminário Conciliar de Braga em 7 de Março de 1966.

O autor — e não só ele — entendeu não haver razões para modificar esse texto, ao dá-lo agora à estampa.

Limitou-se, pois, a juntar-lhe as notas que o acompanham, bem como esta explicação, que devia aos leitores.

Janeiro de 1967.

O AUTOR

Introdução

1. — Ninguém, decerto, estranhará que seja predominantemente filosófico o tema que escolhi para esta conferência: como é natural, cada um fala da procissão conforme vai nela...

Apresso-me, no entanto, a observar que, embora predominantemente filosófico, o tema fornece importantes aplicações às disciplinas sagradas. E, para que esta observação fique mais explícita, para que mais evidenciado fique o interesse e a oportunidade do assunto numa instituição como esta, em que tenho a honra de falar, seja-me lícito chamar a vossa atenção para uma realidade que os sacerdotes precisam de conhecer e enfrentar, sobretudo hoje em dia, ao exercerem o alto múnus de doutrinadores apostólicos: refiro-me à propagação, até mesmo em camadas sociais menos cultas, de princípios filosóficos tantas vezes reprováveis à luz da razão e da fé.

Para combater tais princípios e suas conclusões teóricas e práticas, o sacerdote precisa certamente de conhecer, antes de mais nada, a recta doutrina filosófica e teológica a opor-lhes; mas é, além disso, deveras conveniente saber também *como* há-de utilizar essa doutrina. Ora, nisto de saber, primeiro, armazenar a ciência filosófica e teológica e de saber, depois, utilizá-la na cátedra, na escrita ou em simples colóquios, a filosofia tem uma importante palavra a dizer; creio, até, que, sob este aspecto, não é ousado afirmar que a teologia depende da filosofia. Nem sou, afinal, eu que o digo: foi Leão XIII que o afirmou na encíclica *Aeterni Patris*, ao asseverar que, sem o uso constante da filosofia, a teologia não poderá revestir-se de carácter verdadeiramente científico. Eis as palavras textuais do grande pontífice: «Perpetuus et multiplex [...] requiritur philosophiae usus, ut sacra Theologia naturam, habitum, ingeniumque verae scientiae suscipiat atque induat»¹.

Por tudo o que acabo de dizer, já os prezados ouvintes perceberam que é intenção minha tratar aqui de questões metodoló-

¹ *Acta Leonis XIII*, I, Bruges-Lille, 1887, p. 96.

gicas. Vou, com efeito, apresentar algumas reflexões acerca dos pontos seguintes:

- 1.º — Terminologia e linguagem doutrinal;
- 2.º — O culto da verdade e a história das ideias.

Quanto às fontes a que me aterei, elas serão, acima de tudo, os escritos de S. Tomás — ou não fora esta sessão promovida em honra do Doutor Angélico.

Foi S. Tomás, na verdade, um mestre insigne, mesmo no que diz respeito ao método. E assim é que o direito canónico, ao referir-se aos professores de Filosofia e Teologia dos seminários e à orientação — inclusivamente à orientação metodológica — que os ditos professores devem seguir, quer nos seus estudos, quer no magistério, insiste em que tal orientação seja «ad Angelici Doctoris rationem, doctrinam et principia»². E Pio XI, que chamou a S. Tomás *Studiorum Ducem* — palavras estas com que principiou uma das suas encíclicas —, Pio XI, numa alocução feita em 1924, na conclusão do sexto centenário da canonização deste mesmo santo, voltou a insistir na mesma ordem de ideias, servindo-se de palavras que, ditas aqui, tornam desnecessárias quaisquer outras observações introdutivas. Eis as palavras de Pio XI:

«Que S. Tomás seja deveras, para cada um de vós, *Guia dos estudos*, de todos os estudos e no método de todos os estudos. É capital a questão do método. Para que a ciência se torne severa, luminosa, o método é tudo. Falhado o método, perdido o caminho, não se anda para a frente; e por isso é necessário um guia. Tomás é o guia, o *Dux in via*»³.

² *Codex iuris canonici*, cân. 1366, § 2.

³ PIO XI, *Allocutio [...] in fine VI Centenarii a Canonizatione S. Thomae Aquinatis*, em *Xenia thomistica*, III, Roma, 1925, p. 599.

Vem a propósito lembrar que o tomismo continua a merecer da Igreja, depois do Concílio Vaticano II, a especialíssima aprovação e recomendação que antes merecia: baste citar a alocução de PAULO VI, de 10-IX-1965, aos participantes do 6.º Congresso Tomista Internacional (em *Acta Apostolicae Sedis*, LVII (1965), pp. 788-792), e a resposta *De patrimonio philosophico perenniter valido*, de 20-XII-1965, dada pela S. Congregação dos Seminários e das Universidades (em *Seminarium*, XVIII (1966), p. 65). Cf. A. G. MOLHO DE FARIA, *Comentário a essa mesma resposta*, em *Ação católica*, LI (1966), pp. 323-332, bem como L. SALERNO, *S. Tommaso e la filosofia scolastica dalla «Humani generis» al Vaticano II*, em *Sapienza*, XIX (1966), pp. 171-183.

I

Terminologia e linguagem doutrinal

2. — «A primeira obrigação dum filósofo que deseja ser entendido é não confundir nunca a tecnologia da ciência que cultiva e prelecciona»: assim escreveu Ramalho Ortigão no folheto *Literatura de hoje*, com que interveio, há cem anos, na famosa «questão coimbrã»⁴. E, já muito antes do nosso Ramalho, Lavoisier, no princípio do *Traité élémentaire de chimie*, proclamava «l'impossibilité d'isoler la nomenclature de la science et la science de la nomenclature»⁵.

Na verdade, qualquer ciência, seja ela a química, a filosofia ou a teologia, não dispensa um vocabulário próprio, pela mesma razão por que uma escultura ou pintura não pode ser executada sem a respectiva técnica e sem os utensílios que lhe são próprios. Direi mais ainda: será possível que vários artistas, usando de certa liberdade no emprego de técnicas e utensílios diversos, consigam realizar obras de arte subordinadas a um tema comum e dar-lhes, de facto, a mesma significação; mas, se os cultores de ciências como a filosofia e a teologia tomarem semelhante liberdade quanto ao uso das palavras, o resultado será uma confusão babélica, grandemente nociva à comunicação das ideias e, portanto, ao progresso das referidas ciências.

Afinal, confusão babélica se pode chamar à situação criada no campo da terminologia filosófica, principalmente no século passado e no presente. Desta embaraçosa situação falavam, há já quarenta anos, dois eminentes pensadores escolásticos — o dominicano Vicente McNabb, já falecido, e Jacques Maritain. O primeiro censurava nos filósofos modernos e sobretudo nos psicólogos a desaforada liberdade, que tão frequentemente se arrogam,

⁴ Cf. RAMALHO ORTIGÃO, *Figuras e questões literárias*, I, Lisboa, 1943, p. 85.

⁵ Cf. Êm. MEYERSON, *Identité et réalité*⁵, Paris, 1951, p. 421, nota 5.

de criar, cada qual para si, o seu próprio vocabulário ⁶. Maritain, por sua vez, referindo-se ao «horrível palavreado» e à «verdadeira confusão das línguas», que reinam actualmente na filosofia e que fazem de cada palavra «um ninho de equívocos», afirmava que, «dans la philosophie contemporaine, l'équivocité des termes comme la déliquescence de la langue sont devenues une vraie calamité» ⁷.

Isto escreviam os dois ilustres pensadores em 1927 e 1924, respectivamente. Que não poderiam eles hoje escrever, depois do aparecimento de livros como *L'être et le néant* de Jean-Paul Sartre ⁸ ?

Dirijamos, pois, a nossa atenção para S. Tomás, a fim de recolhermos da sua linguagem doutrinal uma orientação segura — aquela orientação que vimos tão insistentemente inculcada pelo magistério eclesiástico.

3. — Observo, antes de mais, que o vocabulário de S. Tomás é extraordinariamente *abundante*. Noto, em segundo lugar, que o Angélico Doutor se distingue pela *precisão* com que se serve das palavras: volvidos tantos séculos de crítica à obra de S. Tomás, ainda está por descobrir nela um só termo que fosse incorrectamente empregado.

Outra qualidade eminente, sobre a qual nos vamos deter um pouco, é a *clareza* de expressão. A ela se referiu Leão XIII, ao falar da «dicendi perspicuitas» e da «explicandi facilitas» que brilham no autor da *Summa theologiae* ⁹.

⁶ V. MC NABB, *The Catholic Church and philosophy*, Londres, 1927, p. 52.

⁷ J. MARITAIN, *Réflexions sur l'intelligence et sur sa vie propre*, Paris, 1924, pp. 339, 341.

⁸ Cf. P. FOULQUIÉ, *L'existentialisme* ¹⁰, Paris, 1958, pp. 34, 56:

«Nous avons aussi des exposés systématiques: les ouvrages de Martin Heidegger et surtout *L'être et le néant* de Jean-Paul Sartre.

Mais ces ouvrages dépassent en difficulté ceux de la scolastique décadente qui spéculait parfois sur des pointes d'épingles. Aussi est-on vite rebuté. Nous en sommes persuadé: il suffirait des doigts de la main pour compter ceux qui ont eu la patience de lire ligne à ligne *L'être et le néant* et de beaucoup moins pour compter ceux qui peuvent en toute loyauté affirmer qu'ils l'ont toujours compris».

«Cet ouvrage s'adresse aux spécialistes qui eux-mêmes avouent n'être pas sûrs de l'avoir bien compris».

⁹ Cf. *Acta Leonis XIII*, I, já cit., p. 104 (enc. *Aeterni Patris*).

«A clareza é a honestidade dum filósofo» — disse alguém com toda a razão ¹⁰. Quando um filósofo, ainda que tão genial como Kant, for justamente acusado de graves faltas de clareza, não é só a forma, o estilo, que está em causa: a obscuridade é um mau sintoma quanto ao próprio fundo, quanto ao sistema. Hegel, por exemplo, de maneira nenhuma se recomendou a si próprio, nem como escritor nem como filósofo, quando disse que, de todos os seus discípulos, um só o compreendera, e que esse mesmo se enganara; e, se, mesmo na Alemanha, o hegelianismo, como filosofia, teve uma existência tão efêmera e uma influência tão limitada às paredes das escolas, isso se deve, pelo menos em grandíssima parte, ao isolamento a que o próprio Hegel condenou o seu sistema, por o apresentar numa linguagem estranha, dificilmente acessível ¹¹.

Claro está que nem toda a gente se pode dar ao luxo de filosofar (se é que filosofar é um luxo), assim como nem toda a gente se pode especializar nesta ou naquela arte ou ciência. Duas ciências há, no entanto, que, pela suprema importância dos seus problemas e pela vastidão das suas aplicações à vida humana, devem pairar o menos longe possível do comum dos mortais: tais são a filosofia e a teologia. Daqui se segue que os cultores destas duas ciências, ao exporem as respectivas doutrinas, devem ter uma constante e especialíssima preocupação de comedimento, clareza e acessibilidade; mais do que os cultores das outras ciên-

¹⁰ Cf. F. OLGATI, *I fondamenti della filosofia classica* ², Milão, 1953, p. VI, onde é citado e comentado este pensamento do idealista P. Martinetti.

¹¹ Quanto a Hegel e ao hegelianismo, cf., por exemplo, A. SETH PRINGLE-PATTISON, *Scottish philosophy* ⁴, Edimburgo — Londres, 1907, p. 129; Em. MEYERSON, *De l'explication dans les sciences* ², Paris, 1927, p. 407, e *Du cheminement de la pensée*, II, Paris, 1931, p. 562.

A respeito de Kant, não se pode ignorar a preocupação, que ele mostra, de ser claro, de se fazer entender. Quando, daqui a momentos, me referir à sobriedade terminológica de S. Tomás, poderia mesmo transcrever os sisudos reparos de Kant sobre os filósofos que, forjando novos termos, se arvoram em legisladores da língua: cf. *Kritik der reinen Vernunft* ¹¹, ed. T. VALENTINER, Leipzig, 1919, p. 328, e *Kritik der praktischen Vernunft* ², ed. K. VORLÄNDER, Leipzig, 1929, p. 11. No entanto, são bem conhecidas e apontadas pelos críticos as dificuldades que oferece a leitura de obras como estas duas — dificuldades que provêm do estilo e da terminologia de Kant, e não apenas do sistema.

cias, o filósofo e o teólogo devem respeitar o fim natural da linguagem, que é traduzir, revelar o pensamento, e não obstruí-lo.

Vale a pena, por conseguinte, indicar os factores que deram à obra de S. Tomás essa invejável transparência de linguagem:

4. — A linguagem do Santo Doutor é clara, em primeiro lugar, porque é *sóbria*:

À imitação de Aristóteles, mas sem cair, como este, numa excessiva concisão, S. Tomás despojou o seu estilo de voos retóricos e colorações poéticas, evitando assim aquela prolixa verbosidade que tudo poderá ser, menos didáctica. A este propósito, é particularmente digno de nota o escrupuloso comedimento com que usava os adjectivos: os constantes riscos por ele traçados no manuscrito, que ainda se conserva, da *Summa contra gentiles* mostram bem a preocupação de o expurgar de toda a adjectivação supérflua.

Modelo de sobriedade é S. Tomás, ainda, na escolha do seu vocabulário técnico — vocabulário extraordinariamente abundante, como há pouco frisei. Ora, sendo também extraordinariamente largo e profundo o âmbito das ideias expendidas pelo Aquinatense, não seria de estranhar que ele enriquecesse o dito vocabulário com novos termos da sua própria lavra. Isso, porém, não aconteceu: o autorizado tomista McNabb assevera que, tendo passado uns trinta e cinco anos a estudar as obras do Santo, não encontrou nelas uma palavra sequer inventada por este¹². Equivale isto a dizer que, antes e acima da originalidade, preocupavam-no a acessibilidade e a clareza da expressão.

Aliada à clareza está, geralmente, a *simplicidade*. Exacto no emprego da terminologia rigorosamente técnica, sabia o Doutor Angélico temperar as agruras do vocabulário científico recorrendo à linguagem vulgar e a observações comezinhas. Cabiam neste lugar, como expressivo documento do que estou afirmando, os textos que a outro propósito aduzirei na parte final deste trabalho. Chamando, desde já, a vossa atenção para eles, agora desejo apenas salientar que esta deferência para com o idioma vulgar e as observações ingenuamente triviais não só favorece a clareza da linguagem doutrinal, como também lhe comunica interesse e frescura, justo equilíbrio e saboroso condimento.

¹² Cf. V. MC NABB, obra cit., p. 52.

Este *senso do equilíbrio*, da justa medida, vejo-o muito bem retratado num artigo da *Summa theologiae*¹³, no qual se pergunta se nos anjos há intelecto agente e possível. A resposta é negativa: não há nos anjos intelecto agente nem possível, no sentido em que a psicologia toma estas expressões. Atendendo, porém, a que um anjo pode iluminar outra inteligência angélica, não será caso de atribuir também a esses espíritos puros um intelecto agente, isto é, iluminante, e um intelecto possível, isto é, susceptível de iluminação? Resposta de S. Tomás: «Si quis autem velit haec vocare intellectum agentem et possibilem, aequivoce dicet: nec de nominibus est curandum»¹⁴.

De nominibus non est curandum... É como se dissesse: nisto de terminologia, como em tudo o mais, *est modus in rebus*: a nomenclatura é um simples *meio* ou utensílio que havemos de manejar discretamente para traduzir as nossas ideias, e não é, de maneira alguma, um *fim* ao qual devamos servilmente obtemperar.

Em resumo:

A linguagem doutrinal do Aquinatense caracteriza-se pela equilibrada inserção de uma nomenclatura abundante e precisa num fraseado claro, sóbrio e simples.

5. — Disse eu, a princípio, que o tema fornecia importantes aplicações às disciplinas sagradas. Não terminarei, pois, esta primeira secção do meu trabalho sem documentar um pouco mais concretamente aquela afirmação, no que diz respeito à linguagem doutrinal:

De primeiro documento vai servir-nos a encíclica *Humani generis*. Referindo-se nela a certos «amadores de novidades»

¹³ I, q. 54, a. 4 («Utrum in angelo sit intellectus agens et possibilis»).

¹⁴ Não foi esta a primeira vez em que semelhante observação ocorreu ao Doutor Angélico. Já antes, num artigo do comentário às *Sentenças* de Pedro Lombardo (II, dist. 3, q. 1, a. 1: «Utrum angelus sit compositus ex materia et forma»), concluía a respectiva «solutio» deste modo: «et quia omne quod non habet aliquid ex se, sed recipit illud ab alio, est possibile vel in potentia respectu eius, ideo ipsa quidditas est sicut potentia, et suum esse acquisitum est sicut actus; et ita per consequens est ibi compositio ex actu et potentia; et si ista potentia vocetur materia, erit compositus ex materia et forma: quamvis hoc sit omnino aequivocum dictum: *sapientis enim est non curare de nominibus*».

— são palavras da encíclica —, Pio XII julgou oportuna uma advertência como esta:

«Ter em pouco caso ou rejeitar ou privar do seu justo valor conceitos e expressões que foram encontradas e aperfeiçoadas, para exprimir com exactidão as verdades da fé, por pessoas de inteligência e santidade nada vulgares, num trabalho muita vez plurissecular, sob a vigilância do Magistério da Igreja, e não sem uma ilustração e direcção do Espírito Santo, e querer agora substituí-las por noções hipotéticas e por certas expressões flutuantes e vagas da nova filosofia, que à semelhança da flor dos campos hoje verdeja e amanhã já secou, é por certo uma grandíssima imprudência. Seria reduzir o dogma à condição de cana agitada pelo vento. O desprezo dos termos e das noções usadas pelos teólogos escolásticos, por si mesmo conduz ao enfraquecimento da teologia denominada especulativa».

Note-se que este documento foi assinado em Agosto de 1950. Portanto, foi à segunda metade do século XX, foi a nós que Pio XII se dirigiu ao escrever estas palavras, bem como ao frisar que o método de S. Tomás «se distingue por singular superioridade tanto no ensino como na investigação»¹⁵.

Outro documento — e este recentíssimo — é o que nos dá Paulo VI na encíclica *Mysterium Fidei*, de Setembro de 1965. Escutemo-lo:

«Salva a integridade da fé, é necessário salvar também a maneira exacta de falar, não aconteça que, usando nós palavras ao acaso, entrem no nosso espírito — o que Deus não permita — ideias falsas como expressão da crença nos mais altos mistérios. [...]

Donde se conclui que se deve observar religiosamente a regra de falar, que a Igreja, durante longos séculos de trabalho, assistida pelo Espírito Santo, estabeleceu e foi confirmando com a autoridade da ortodoxia da fé. Ninguém presuma mudá-la, a seu arbítrio ou a pretexto de nova ciência. Quem há-de tolerar que fórmulas dogmáticas, usadas pelos Concílios Ecuménicos a propósito dos mistérios da Santíssima Trindade e da Encarnação,

¹⁵ PIO XII, encíclica *Humani generis: Acta Apostolicae Sedis*, XLII (1950), pp. 567, 573. A versão portuguesa que apresento é a da revista *Lumen*, XIV (1950), pp. 582, 585.

sejam acusadas de inadaptação à mentalidade dos nossos contemporâneos, e outras lhes sejam temerariamente substituídas? Do mesmo modo, não se pode tolerar quem pretenda expungir, a seu talante, as fórmulas usadas pelo Concílio Tridentino ao propor a fé no Mistério Eucarístico. Essas fórmulas, como as outras que a Igreja usa para enunciar os dogmas de fé, exprimem conceitos que não estão ligados a uma forma de cultura, a determinada fase do progresso científico, a uma ou outra escola teológica, mas apresentam aquilo que o espírito humano, na sua experiência universal e necessária, atinge da realidade, exprimindo-o em termos apropriados e sempre os mesmos, recebidos da linguagem ou vulgar ou erudita. São, portanto, fórmulas inteligíveis em todos os tempos e lugares»¹⁶.

Como terceiro e último documento, alegarei o caso e o testemunho pessoal de Coventry Patmore:

Nascido em 1823 e falecido em 1896, Coventry Patmore, além de distinto funcionário da biblioteca do Museu Britânico, foi ainda um notável poeta, crítico e pensador. Convertido à religião católica em 1864, publicou depois, em 1895, o seu livro *The rod, the root and the flower*, cheio de pensamentos sobre matéria religiosa. A certa altura desta obra, rejeitando a acusação de verbalismo, segundo a qual a escolástica não passaria, até mesmo em S. Tomás, de um puro jogo de palavras, Coventry Patmore faz a seguinte declaração:

«Para um homem consciente de que não pode haver coisa alguma tão digna de interesse como ele próprio, a *Summa* de S. Tomás tem de ser o mais genuíno e interessante dos livros: é que ela contém centenas e centenas de definições perfeitamente claras, óbvias e decisivas em assuntos nos quais, por falta de clareza, muitos homens — precisamente os melhores — vêm os seus pensamentos e rumos assediados por escrúpulos e dificuldades. Vinte anos antes de eu me dispor a aceitar um credo definitivo, já a *Summa* constituía para mim a leitura mais aprazível e proveitosa; e eu julgo que a tendência para tomar palavras por

¹⁶ PAULO VI, encíclica *Mysterium Fidei: Acta Apostolicae Sedis*, LVII (1965), pp. 757-758. O texto que apresento é o da versão portuguesa dos Serviços de Imprensa do Vaticano (Lisboa, União Gráfica, 1965, pp. 12-14).

coisas é menos acentuada em mim do que na maioria dos homens»¹⁷.

Este breve depoimento deixa-nos entrever quanto influxo terá exercido na conversão deste leigo a *Summa theologiae*, não só pelo fundo doutrinal como também — e muito especialmente — pela linguagem precisa e clara do Doutor Angélico. E, exactamente porque se trata de um leigo que nem católico era quando principiou a ler e apreciar a *Summa*, fácil se torna, a quantos são ou esperam ser sacerdotes — doutrinadores por ofício! —, tirar a devida conclusão prática e até pastoral.

Razão tenho, portanto, para concluir esta primeira parte do meu trabalho com as palavras antigas, mas sempre actuais, que Pio XI transcreveu na encíclica *Studiorum Ducem*: «Sub huius Doctoris lucida et aperta doctrina floruerunt quamplures magistri religiosi et saeculares, propter modum compendiosum, apertum et facilem»; «etiam laici et parum intelligentes appetunt ipsa scripta habere»¹⁸.

¹⁷ Cf. V. MC NABB, *obra cit.*, p. 61, onde vem o texto que traduzo.

¹⁸ *Acta Apostolicae Sedis*, XV (1923), p. 323.

II

O culto da verdade e a história das ideias

6. — Para quem vive em contacto com o actual movimento das ideias não é difícil enxergar, principalmente no estudo e no ensino da filosofia, duas orientações metodológicas diametralmente opostas. Chamar-lhes-ei, respectivamente, *individualismo* e *historismo*.

Por *individualismo metodológico* entendo a posição de todo aquele que, revoltando-se contra tudo o que vem do passado e contra tudo o que é colectivo ou convencional, pretende, mediante o emprego exclusivamente pessoal da sua experiência e da sua razão, traçar e seguir o seu próprio caminho, na teoria e na prática.

Sobre a real existência deste individualismo, escusado é insistir: lembrarei, apenas, que estamos no século do existencialismo. O que não será inútil observar é que tal individualismo se restringe quase unicamente ao âmbito da filosofia, da religião e da arte. No domínio das ciências físico-químicas, por exemplo, já não é possível manter um egotismo tão pronunciado: no mundo civilizado em que vivemos, qual é o físico ou o químico distinto que se fia unicamente nas suas experiências e deduções e pretende ignorar as dos seus antecessores e contemporâneos?

A observação que acabo de fazer mostra, desde já, a estreiteza do individualismo metodológico, pelo menos no que se refere ao seu âmbito ¹⁹.

A outra orientação, diametralmente oposta, é o *historismo*. Professam-no todos aqueles para quem o estudo ou ensino da filosofia se limita ao estudo ou ensino da *história* da filosofia: expõe-se e relaciona-se o pensamento dos vários filósofos, das várias correntes ou escolas, mas não se vai mais além: nada de se tomar uma posição definida, resultante da profissão de um

¹⁹ Cf. T. RICHARD, *Positivité de la doctrine de St Thomas*, em *Xenia thomistica*, I, Roma, 1925, p. 34.

sistema determinado. O intelectual que segue, em filosofia, o historismo metodológico poderá ser, talvez, um erudito e brilhante expositor do pensamento *alheio*, dos sistemas dos *outros*, mas evitará, por todos os modos, o embaraço que implicariam perguntas como estas: E *tu* que pensas? Qual é o *teu* sistema?

Da existência desta mentalidade, até mesmo no meio intelectual português, não há que duvidar, infelizmente. Nem se julgue que ela é menos inofensiva pelo facto de, à primeira vista, ser menos arrogante do que o individualismo metodológico. A tal respeito notarei apenas que o historismo de que estou falando é filho ou parente do cepticismo: ora o céptico, ao pretender renunciar a todo o dogmatismo, finge uma modéstia que, à força de ser afectada, muitas vezes redunde em negativismo dogmatizante ou intolerância da pior espécie. Não é, pois, sem razão que alguns chamam *dogmatismo negativo* ao cepticismo.

Se outra vantagem não tiverem, estas reflexões advertem-nos, ao menos, de que o historismo metodológico é grandemente suspeito, ainda mesmo quando alardeia tolerância.

Perante o extremismo destas duas orientações metodológicas, bem se vê como é oportuno procurar em S. Tomás — na sua palavra e no seu exemplo — a orientação que nos importa seguir.

7. — Profundamente avesso ao culto da novidade e da originalidade em questão de linguagem, S. Tomás fugiu também de construir um sistema pessoal, originalmente seu. E assim é que «o imenso valor do tomismo, aos olhos da Igreja, consiste exactamente no facto de ele não ser a doutrina de um homem, mas a síntese do pensamento humano»²⁰. Pode-se, pois, dizer que

²⁰ H. WORONIECKI, cit. por J. MARITAIN, *Antimoderne*⁷, Paris, 1922, p. 20, nota (1). Cf. PAULO VI, na cit. alocução de 10-IX-1965:

«La philosophie de saint Thomas possède une aptitude permanente à guider l'esprit humain vers la connaissance du vrai [...]. Elle échappe par là à la situation historique particulière du penseur qui l'a dégagée et illustrée comme «la métaphysique naturelle de l'intelligence humaine». Aussi avons-Nous pu dire que, «réflétant les essences des choses réellement existantes dans leur vérité certaine et immuable, elle n'est ni médiévale ni propre à quelque nation particulière; mais qu'elle transcende le temps et l'espace, et n'est pas moins valable pour tous les hommes d'aujourd'hui».

Cette valeur permanente de la métaphysique thomiste explique l'atti-

um dos grandes traços da personalidade intelectual do Doutor Angélico está na impersonalidade da sua doutrina ²¹.

A este propósito, vale bem a pena definir a posição de S. Tomás a respeito dos pensadores e das correntes ideológicas do seu tempo e das épocas anteriores. É que, ainda hoje, parece não ter desaparecido completamente o revelho preconceito a que o nome de Francisco Bacon está ligado: para o autor do *Novum organum*, os escolásticos eram pessoas cegamente aferradas ao passado, pouco lidas, servilmente adstritas ao pensamento de poucos autores, e dominadas, muito especialmente, pela ditadura de Aristóteles ²².

Não pretendo aqui examinar até que ponto é justa ou injusta semelhante acusação, ou até que ponto ela pode ser devolvida e aplicada ao próprio Bacon ²³. A S. Tomás é que ela não pode, sèriamente, dizer respeito.

Que o Doutor Angélico foi abalizado conhecedor do pensamento antigo — nomeadamente, de Aristóteles e dos Padres —, é lugar-comum afirmá-lo. Advirta-se, entretanto, que o seu manuseio das antigas fontes era sublimado pelos nobres motivos que o ditavam: docilidade, seriedade científica, modéstia intelectual. Leia-se, a propósito, na *Summa theologiae* ²⁴, o artigo

tude du magistère ecclésiastique à son égard» (*Acta Apostolicae Sedis*, LVII (1965), p. 790).

²¹ Não se trata, evidentemente, de impersonalidade *absoluta*, que é uma utopia, conforme notei já em *Existencialismo e literatura*, Braga, 1965, pp. 15-16.

²² Cf. F. BACON, *The proficiencie and advancement of learning, divine and human*, livro I, e *Novum organum scientiarum*, livro I (em *The works*, Londres, 1843, I, p. 10, e II, pp. 298, 447).

²³ «Bacon has criticized the Scholastics violently for the scantiness of their reading and their lack of knowledge of history, but he himself gives absolutely no indication of having any knowledge of Augustine, of Boethius, Anselm, Abaelard, Bernard, Alexander of Hales, Bonaventure, Thomas and Scotus, to say nothing of other greater or lesser philosophers of the Patristic and Scholastic eras»; «the only mediaeval of the thirteenth century whom he mentions in either the *Dignity and Advancement of Learning* or the *Novum Organum* is Albert the Great, and he is mentioned rather as a bad scientist than as a philosopher»; «St. Augustine is mentioned in no way as a philosopher»: Ed. SUTFIN, *Bacon's opinion of his predecessors*, no vol. *Essays in modern scholasticism in honor of John F. McCormick*, S. J., Westminster (U. S. A.), 1944, pp. 199, 169, 200.

²⁴ II-II, q. 49, a. 3.

que trata da docilidade como parte da prudência: aí se afirma que a docilidade, ou seja, o bom acatamento dado aos ensinamentos dos outros, especialmente dos mais velhos, é uma disposição valiosa para a aquisição da virtude intelectual e, portanto, da ciência («utilis [...] ad quamlibet virtutem intellectualem»); e, algumas linhas depois, acrescenta S. Tomás que a maneira de se obter uma docilidade perfeita consiste em estudar com solicitude, com frequência e reverência os ensinamentos dos antigos, nunca os desprezando por ignávia nem por soberba («dum scilicet homo sollicite, frequenter et reverenter applicat animum suum documentis maiorum, non negligens ea propter ignaviam, nec contemnens propter superbiam»).

Admitido, pois, que a seriedade científica levou o Santo Doutor a estudar o pensamento dos antigos, de supor é que, pela mesma razão, ele se interessou também pelas ideias dos contemporâneos. E, realmente, obras como o opúsculo filosófico *De unitate intellectus contra Averroistas* e como os opúsculos teológicos *Contra impugnantes Dei cultum et religionem* e *Contra errores Graecorum* provam-nos que S. Tomás era um homem da sua época e estava perfeitamente em dia com o movimento ideológico de então.

Ainda quanto ao interesse que manifestou pela história das ideias, merece relevo o bom critério com que utilizou as fontes. Embora muito se pudesse aqui dizer a este propósito, limito-me a recordar quão exigente foi o Doutor Angélico a respeito de traduções. Assim, por exemplo, logo no princípio do *Contra errores Graecorum*, referiu-se expressamente às normas que o bom tradutor deve pôr em prática na versão de textos doutrinários; na *Catena aurea*²⁵, o próprio S. Tomás nos assegura que promoveu algumas traduções do grego («quasdam expositiones doctorum graecorum in latinum feci transferri»); e, quanto às obras de Aristóteles, não se contentou com as versões latinas baseadas em textos árabes, mas apoiou-se numa tradução nova e mais segura, feita por um amigo e confrade — o helenista dominicano Guilherme de Moerbeke.

Conclui-se, pois, que S. Tomás, longe de cair no individualismo metodológico, foi, antes, um grande erudito, copiosa e criteriosamente informado acerca do pensamento antigo e das ideias

²⁵ Na *Epistola dedicatória* da secção relativa a S. Marcos.

do seu tempo. Numa palavra, que não é minha, mas da lição histórica do breviário para o dia 7 de Março: «nullum fuit scriptorum genus, in quo non esset diligentissime versatus».

8. — Mas, se evitou o individualismo, S. Tomás não fugiu menos da orientação contrária — do historismo metodológico.

Aludi, há momentos, à preocupação de seriedade científica, móbil do interesse do Santo pela história das ideias. Aqui, aduzirei apenas dois textos — um da *Summa theologiae*²⁶ e outro do comentário aos livros *De caelo* de Aristóteles²⁷ —, porque neles vejo admiravelmente compendiada a maneira de pensar do Aquinatense quanto ao historismo metodológico.

Diz o primeiro texto: «*Studium philosophiae secundum se est licitum et laudabile, propter veritatem quam philosophi perceperunt*». O segundo trecho é do teor seguinte: ...«*Studium philosophiae non est ad hoc quod sciatur quid homines senserint, sed qualiter se habeat veritas rerum*». Atente-se bem naquele «*propter veritatem*» do primeiro texto e no «*veritas rerum*» do segundo: por aí se vê que a mira de S. Tomás foi sempre a verdade e que, para ele, a história das ideias não passava de um simples, embora importante, meio de conhecer a verdade; repugnava-lhe, portanto, o historismo metodológico, já que, para este, a história das ideias é um fim.

E, se quisermos ver como o Santo Doutor pôs em prática o seu ponto de vista metodológico, bastará atender ao esquema de qualquer artigo da *Summa theologiae*: enunciado o problema, seguem-se os argumentos contra e a favor de determinada solução («*Videtur quod non*», «*Sed contra*»), depois do que vem o chamado *corpus articuli*. Este último, que é a parte principal e decisiva do artigo, começa normalmente com as palavras «*Respondeo dicendum*»: é aqui, na verdade, que o autor da *Summa* declara abertamente a resposta ou solução que dá ao problema. Por fim, de harmonia com a solução e as provas do *corpus articuli*, responde às objecções com que o artigo principiara.

Deste esquema se depreende que o Doutor Angélico, longe de se perder nas minúcias de uma erudição relativamente fácil,

²⁶ II-II, q. 167, a. 1, ad 3.

²⁷ *In libros Aristotelis De caelo et mundo expositio*, livro I, cap. X, lição XXII.

longe de se instalar comodamente no abstencionismo céptico tão próprio do historismo metodológico, toma, pelo contrário, uma posição definida, expõe-na e defende-a.

9. — O grande princípio norteador da metodologia tomista resume-se, como fica dito, no amor da verdade. E é nesta norma fundamental que se filiam as atitudes do Santo Doutor para com os representantes das várias correntes de pensamento.

A primeira dessas atitudes consiste numa *prudente reserva* ou, se se prefere, numa grande *independência de juízo*.

Fazendo seu o dito de Boécio — «locus ab auctoritate est infirmissimus»²⁸ —, o Doutor Angélico viu sempre na autoridade puramente humana um esteio débil, muito débil até («infirmissimus»), em matéria doutrinal.

Desta independência de juízo proporei dois exemplos, tirados ambos da *Summa theologiae*: um diz respeito a Aristóteles, autoridade tão venerada pelo Santo; o outro refere-se nada menos que a um papa da sua época — Inocêncio III. Quanto a Aristóteles, dele se afasta S. Tomás a propósito da criação *ab aeterno*²⁹. Quanto a Inocêncio III, é no artigo intitulado «Utrum Filius Dei assumpserit personam [humanam]» que aparecem, a servir de premissa menor da terceira objecção, estas palavras do referido papa: «persona Dei consumpsit personam hominis». Pois bem: ao responder a essa objecção, o autor da *Summa* não hesita em qualificar de imprópria a maneira como Inocêncio III se exprimiu³⁰.

Alguém considerou já como atitude ousada isto de chamar imprópria à linguagem de um romano pontífice. Eu contento-me com ver nisto uma curiosa amostra da independência de juízo de S. Tomás.

10. — Referência muito especial merecem as atitudes do Aquinatense para com os fautores de opiniões contrárias ao seu modo de pensar.

A primeira atitude do Santo é o *interesse* que ele mostra em conhecer os seus opositores — conhecê-los, não por simples

²⁸ Cf. *Summa theologiae*, I, q. 1, a. 8.

²⁹ I, q. 46, a. 1.

³⁰ III, q. 4, a. 2, ad 3.

avidez de erudição ou por motivos ainda menos nobres, mas sempre por amor da verdade. Atenda-se, por exemplo, a este passo do comentário à *Metafísica* de Aristóteles:

«Na busca da verdade, — observa aí S. Tomás — ajudamo-nos uns aos outros de duas maneiras: directamente e indirectamente. Somos ajudados directamente por aqueles que [já] encontraram a verdade, visto que [...] os antecessores, ao encontrarem parcelas da verdade e ao coligirem-nas numa síntese unitária, [por isso mesmo] introduzem os vindouros num conhecimento [mais] amplo da verdade. E [somos ajudados] indirectamente, no sentido de que os pensadores que anteriormente erraram, [por isso mesmo] deram oportunidade, aos vindouros, de se exercitarem na discussão cuidadosa, mediante a qual a verdade aparece mais limpidamente»; é, pois, «equitativo que sejamos gratos, não só àqueles que pensamos terem [já] encontrado a verdade e cujas opiniões perfilhamos, mas também aos que, na investigação da verdade, se pronunciaram superficialmente, embora não sigamos as opiniões deles; efectivamente, também estes nos deram algum proveito, por nos facultarem certo exercício da investigação da verdade» ³¹.

Nesta mesma linha de pensamento se enquadra a *atitude caridosa* a assumir para com os opositores. Mas, ainda aqui, o melhor é dar a palavra ao Doutor Angélico:

«Tanto ao aceitar opiniões [alheias] como ao repudiá-las, — diz ele — ninguém se deve deixar guiar pelo amor nem pelo ódio para com o fautor da opinião, mas, antes, pela certeza da verdade. Por isso, diz [Aristóteles] que devemos amar a uns e a outros — àqueles cuja opinião seguimos e àqueles cuja opinião repudiamos —; com efeito, uns e outros se aplicaram à investigação da verdade e, por isso mesmo, nos ajudaram» ³².

11. — Além do interesse e da caridade para com os opositores, professava S. Tomás outra atitude que, sendo também filha do seu grande amor à verdade, tem, além disso, especial importância *apologética*. Tal atitude, a que ele se refere mais de uma vez, consiste na avisada moderação que nos há-de impedir de afirmar, como verdades cientificamente certas, como preâmbulos

³¹ In *II Metaph.*, lição I.

³² In *XII Metaph.*, lição IX.

da fé ou até mesmo como dogmas da nossa religião, coisas que, de facto, nem pertençam ao dogma católico nem sequer estejam cientificamente comprovadas. Proceder de outro modo seria cair numa apologética falsa e ruínosa, que, como nota S. Tomás, acarretaria sobre a nossa fé a mofa dos incrédulos. É o que acontecería, por exemplo, se alguém pretendesse provar a existência de Deus supondo como certo que o mundo principiou a existir no tempo, ou, pior ainda, se tomasse esta suposição como um preâmbulo necessário da fé. Eis o que a propósito se lê na *Summa theologiae*: «Mundum incepisse est credibile, non autem demonstrabile vel scibile. Et hoc utile est ut consideretur, ne forte aliquis, quod fidei est demonstrare praesumens, rationes non necessarias inducat, quae praebeant materiam irridendi infidelibus, existimantibus nos propter huiusmodi rationes credere quae fidei sunt»³³.

12. — *Resumindo* quanto acabo de expor nesta parte segunda do meu trabalho, direi que *o método de S. Tomás é, ao mesmo tempo, abundantemente histórico e fortemente especulativo*: porque *histórico*, evita os inconvenientes do individualismo metodológico; porque *especulativo*, subordina-se primariamente e inteiramente ao amor da verdade, pelo que evita os inconvenientes do historismo e adopta uma sensata independência de juízo perante as opiniões de quem quer que seja — independência que torna possível interessar-se sem comprometer-se, discordar sem odiar.

³³ I, q. 46, a. 2, c.. Cf. J. GREDT, *Elementa philosophiae aristotelico-thomisticae*, I, Barcelona, 1951, pp. 286-287.

De S. TOMÁS DE AQUINO é também este aviso: ...«ne quidquid verum aliquis esse crediderit, statim velit asserere hoc ad veritatem fidei pertinere; [...] ab infidelibus veritas fidei irridetur, cum ab aliquo simplici et fideli tamquam ad fidem pertinens proponitur aliquid quod certissimis documentis falsum esse ostenditur» (*Q. disp. De potentia*, q. 4, a. 1, c.).

Conclusão

13. — Vou terminar. E, para reforçar ainda mais, se possível, as considerações aqui expendidas, para realçar ainda mais a sua actualidade, seja-me lícito, em breve nota final, chamar a vossa atenção para este facto: o tomismo, com a sua linguagem precisa, clara e simples e com o seu método norteado pelo amor da verdade, tem atraído, ainda no século XX, as simpatias e a admiração de alguns dos mais insignes filósofos não-escolásticos ou não-tomistas ³⁴. E compreende-se: é que o Doutor Angélico versou de modo tão certo e profundo um número tamanho de questões tão variadas, que os filósofos de hoje, se estudarem o tomismo, nele encontram, velhinhas de séculos, certas verdades, reflexões e sugestões que um ou outro moderno terá, porventura, julgado ser o primeiro a descobrir ou a formular.

Para a minha conclusão, sirvam de pródromo dois textos: um, da *Summa contra gentiles*, sobre o conceito de *vida*, e o outro, da *Summa theologiae*, a respeito dos sentidos da palavra *visão*.

Traduzo o primeiro:

«Atribui-se a vida a certas coisas pela razão de que elas se nos deparam movidas por si mesmas e não por outras. E é por isso que nós chamamos vivas, por analogia, às coisas que parecem mover-se por si próprias e cujos princípios motores são ignorados pelo povo: assim, [chamamos] *água viva* àquela que flui de uma nascente, e não àquela que está parada numa cisterna ou num lago» ³⁵.

Eis agora o segundo trecho:

A palavra *visão* «empregou-se primeiramente para designar o acto do sentido da vista; em virtude, porém, da dignidade e da certeza deste sentido, essa palavra passou também a usar-se apli-

³⁴ Além da referência que dentro de instantes farei a Husserl, cf., por exemplo, M.-S. GILLET, *Appel au bon sens*, Paris, 1937, que se refere a Bergson e a Blondel nas pp. 215-219 e 239-242, respectivamente.

³⁵ *Summa contra gentiles*, livro I, cap. 97. Paralelo a este é o trecho seguinte, da *Summa theologiae*, I, q. 18, a. 1, c., a que voltarei a referir-me em a nota 37:

«Ex his quae manifeste vivunt, accipere possumus quorum sit vivere

cada a qualquer conhecimento obtido pelos outros sentidos (com efeito, dizemos: *vê como tem sabor*, ou [*vê*] *como exala cheiro*, ou [*vê*] *como está quente*); além disso, [passou a usar-se aplicada] também ao conhecimento intelectual»³⁶.

Até aqui, os textos de S. Tomás — dois textos apenas, entre muitos que podiam ser alegados. Agora pergunto: não estará aplicado neles o método analítico-reflexivo ou fenomenológico, de que hoje tanto se fala?

Quanto a mim, creio não haver fenomenologia mais pura, mais sincera, mais imparcial do que esta de S. Tomás, que, ao procurar a verdade, não hesitou em recorrer a observações tão límpidas e tão cândidamente triviais como as dos textos que acabo de apresentar. Por outras palavras: o Aquinatense praticou uma verdadeira fenomenologia *avant la lettre*³⁷.

Não admira, por conseguinte, que Husserl, em 1933, declarasse que «o tomismo é, na verdade, um edifício belo» («ein schönes Gebäude»), e que em 1935, três anos antes de morrer, afirmasse: «Sempre acreditei — e agora não só acredito, mas vejo claramente — que a minha fenomenologia, e só *ela*, é a filosofia que a Igreja pode utilizar: só ela converge para o tomismo e prolonga o tomismo»³⁸.

Houve, certamente, grave ilusão ou exagero nestas últimas palavras de Husserl. No que Husserl, porém, não exagerou nem se iludiu, foi em reconhecer a beleza arquitectónica do tomismo, a qual repousa sobre uma ampla e segura base metodológica.

et quorum non sit vivere. Vivere autem manifeste animalibus convenit [...]. Unde secundum illud oportet distinguere viventia a non viventibus, secundum quod animalia dicuntur vivere. Hoc autem est in quo primo manifestatur vita et in quo ultimo remanet. Primo autem dicimus animal vivere, quando incipit ex se motum habere, et tandiu iudicatur animal vivere quandiu talis motus in eo apparet; quando vero iam ex se non habet aliquem motum, sed movetur tantum ab alio, tunc dicitur animal mortuum, per defectum vitae. Ex quo patet quod illa proprie sunt viventia, quae seipsa secundum aliquam speciem motus movent».

³⁶ *Summa theologiae*, I, q. 67, a. 1, c..

³⁷ Atenda-se, de novo, ao texto da *Summa theologiae*, que transcrevi na penúltima nota: o próprio advérbio «manifeste», duas vezes empregado, e a forma verbal «manifestatur» mostram-nos bem, no autor do trecho, uma preocupação verdadeiramente fenomenológica, ou seja, a de captar o que é manifesto, aquilo que se manifesta, o fenómeno.

³⁸ Cf. J. FRAGATA, *Problemas da fenomenologia de Husserl*, Braga, 1962, pp. 155-156.

biblioteca
municipal
barcelos



28628

A linguagem doutrinal e a
história das ideias, seg